

• DIAGRAMA •

CEFET-MG é notícia

Refugiados(as), bem-vindos(as)!



páginas 6 a 9

• "LUCRANDO COM A DOR" •

Relatório expõe aumento de bilionários em todo o mundo durante a pandemia

páginas 3

• TROCA •

Mobilidade acadêmica como oportunidade para novas experiências

páginas 4 e 5

• REPARAÇÃO •

Pós-Graduação terá 30% das vagas para negros, indígenas e pessoas com deficiência

página 10 e 11

Brasil como refúgio para sobreviver



Oi, meu nome é Vanessa Hernandez, sou da Venezuela. Cheguei ao Brasil há quase três anos, apenas com uma mala e cheia de expectativas. Cresci numa família normal como qualquer outra, porém a situação econômica nos fez tomar decisões logo que me formei como psicóloga. No momento que achei certo, peguei minhas coisas e, com meu marido, resolvi vir morar no Brasil, país que oferecia mais oportunidades para estrangeiros, como maior rapidez na documentação e aceitação ao imigrante. Como já tinha família morando no Sul do Brasil, chegamos aqui em dezembro de 2019, sem falar nada de português. Por diversas situações, não tivemos muito tempo de preparar nossa viagem, estudar a língua, lugar onde morar, entre outras coisas. Só pegamos poucas coisas e saímos procurando melhorias, e elas chegaram pouco a pouco, graças à ajuda de muitas pessoas.

Mesmo estando aqui há mais de dois anos, quero e preciso melhorar meu português para alcançar mais estabilidade. Por isso, procuro sempre nas mídias sociais programas de português e achei o curso de Português como Língua Estrangeira (PLE) do CEFET-MG. No momento, não tinha mais vagas, mas eles entraram em contato comigo tempos depois falando que ainda poderia fazer parte do programa. Assim, há dois meses estou fazendo o nível intermediário I. O curso significa muito para mim neste momento que estou desempregada, procurando empregos mais relacionados com minha área de estudo. No curso, me sinto muito acolhida e bem-vinda, mesmo chegando após a formação da turma. Quero aperfeiçoar minha pronúncia e leitura, além do vocabulário e conhecimento da cultura do Brasil.

As aulas representam uma nova oportunidade de me adaptar mais nesse lindo país, descobri-lo não só pela língua, mas pela convivência e conversa constante com os nativos. Quero aprender mais sobre a cultura, pois para nós, estrangeiros, não é importante apenas gramática, precisamos aprender a interagir, conhecer e perceber o país onde residimos. A coisa que mais valorizo nessa experiência é conversar com os outros imigrantes de diversos países, seus desafios no Brasil e com a Língua Portuguesa.

Vanessa Hernandez

A venezuelana é aluna do curso de Português como Língua Estrangeira (PLE), ofertado pela Secretaria de Relações Internacionais (SRI) do CEFET-MG.

• EXPEDIENTE •

Diretor-Geral
Prof. Flávio Santos

Vice-Diretora
Prof.ª Celeste Costa

Secretário de Comunicação Social
Luiz Eduardo Pacheco

Editor
André Luiz Silva
MTB 15.533/MG

Projeto Gráfico
Brígida Mattos Ornelas

Diagramação
Brígida Mattos Ornelas

Capa
Brígida Mattos Ornelas

Equipe de Jornalismo
Diogo Tognolo
Flávia Dias
Gilberto Todescato Telini
Nívia Rodrigues



Av. Amazonas, 5.253 • Nova Suíça • Belo Horizonte • MG
CEP 30.421-169
Tel. (31) 3319-7004
cjc@cefetmg.br | www.cefetmg.br

“Anjos já MI ou BI ou TRILIONÁRIOS comandam só seus MI, BI, TRILHÕES”*

Relatório “Lucrando com a dor” aponta que “surgiram” 573 novos bilionários desde o início da pandemia do novo coronavírus

• André Luiz Silva •

O mundo tem hoje 2.668 bilionários! Sim, BILionários! Juntos, a fortuna deles soma US\$ 12,7 trilhões de dólares, ou 13,9% do Produto Interno Bruto (PIB) de todo o mundo. No extremo oposto, 263 milhões de pessoas poderão estar na extrema pobreza até o fim deste ano. Os dados são do relatório “Lucrando com a dor”, elaborado pela Oxfam Brasil, entidade independente e sem fins lucrativos.

De acordo com o levantamento, desde o início da pandemia, em 2020, “surgiram” 573 novos bilionários, a maioria deles ligada aos setores de alimentação, energia (principalmente, petrolíferas), medicamento e tecnologia. A Oxfam propõe uma série de impostos extraordinários e permanentes sobre a riqueza como forma de amenizar a desigualdade existente e beneficiar mais pessoas ao redor do mundo.

Tal medida, para o professor Samuel Alves, do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, *campus* Nova Suíça, é emergencial. “Quem está passando fome não pode esperar as transformações profundas que precisam ocorrer. O perigo é fazer delas a única opção, porque aí elas deixam de ter esse caráter emergencial e se tornam uma tentativa de salvar o sistema”, afirma.

Para Samuel, que é mestre em Filosofia, soluções como taxar grandes fortunas mitigam um problema imediato, mas não levam a lugar algum, porque não enfrentam a raiz dos problemas. “Para se contrapor a isso é preciso reencontrar os vínculos que nos unem como seres humanos. É preciso reconhecer a profunda interdependência que nos determina. Quando formos capazes de reconhecer o quanto nossa vida depende do trabalho de milhões de pessoas espalhadas pelo mundo, iremos recuperar a empatia necessária para se indignar com tamanha desigualdade”, defende o pesquisador.

* “Anjos tronchos”, canção de Caetano Veloso

DESIGUALDADE EM NÚMEROS

Os **dez homens** mais ricos do mundo têm mais riqueza que a combinação de **40% da população mais pobre** (equivalente a 3,1 bilhões de pessoas).

Um trabalhador médio que está entre os 50% mais pobres da população mundial teria que trabalhar **112 anos para ganhar o que o topo da pirâmide recebe em apenas 1 ano.**

Os **20 bilionários** mais ricos possuem mais do que todo o PIB da África Subsaariana.

Elon Musk, o homem mais rico do mundo, é tão rico que pode perder **99% de sua fortuna e ainda estar entre os 0,0001%** dos mais ricos do mundo. Desde 2019, seu patrimônio aumentou 699%.



Leia o relatório “Lucrando com a dor” na íntegra

Intercâmbios de pessoas, vivências e conhecimentos

Programas de Mobilidade Acadêmica, entre *campi* do CEFET-MG e instituições brasileiras, possibilitam novas experiências



Alef Ribeiro, estudante da UFSJ, fez mobilidade para Engenharia Elétrica no CEFET-MG



Natália Amorim aproveitou a mobilidade para fazer um estágio em outra cidade

• Diogo Tognolo •

Estudantes do CEFET-MG e de outras Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) vão voltar a ter novas experiências durante a sua graduação. O Programa de Mobilidade Acadêmica, que ficou parado durante o Ensino Remoto Emergencial, volta a partir do segundo semestre de 2022. Com isso, alunos do CEFET-MG podem estudar em outros *campi* da Instituição, ou mesmo em outras IFES. Em sentido contrário, estudantes de outras instituições podem vir para o CEFET-MG por um período. As oportunidades são oferecidas por um edital interno e pelo Programa Andifes de Mobilidade Acadêmica, da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes).

Desde 2014, 64 alunos da graduação do CEFET-MG se inscreveram para cursar disciplinas em outras IFES e nove alunos de outras instituições vieram para um dos *campi* da Instituição mineira, conforme conta o professor Hermes Rabelo, coordenador de Inovação e Fomento da Graduação.

Um destes estudantes foi Matheus Machado, formado em Engenharia de Computação. Ele estudava no *campus* Timóteo e, entre 2018 e 2019, fez disciplinas no *campus* Nova Gameleira, em Belo Horizonte. "Na época, eu participei de um processo seletivo de estágio da IBM em BH e fui selecionado. Como era para estágio, precisaria estar matriculado", conta. Situações similares passaram Natália de Amorim e Alef Ribeiro, que, em 2018, fizeram a mobilidade para poderem aproveitar oportunidades de estágio na nova cidade. Natália cursava Engenharia de Minas no *campus* Araxá e passou um período na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), quando conseguiu um estágio na mineradora

Vale. Já Alef saiu da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) para cursar disciplinas da Engenharia Elétrica no CEFET-MG em Belo Horizonte.

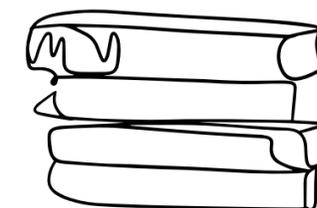
Todos os três destacam a experiência como positiva, tanto pela possibilidade de conciliar a vida profissional com os estudos, como pelos novos conhecimentos e vivências que tiveram em um *campus* ou instituição diferente do que frequentavam. Para o professor Hermes, fazer um estágio em outra cidade é de fato uma das vantagens que o Programa de Mobilidade Acadêmica oferece aos alunos, mas elas não se encerram aí. "Os alunos participantes podem enriquecer seus currículos com atividades acadêmicas diversas que não teriam acesso em seus cursos de origem, como laboratórios, especialidades do corpo docentes, além de ter uma vivência cultural em outra cidade", afirma. Também as instituições e estudantes locais ganham, ao trazer novas visões para seus *campi*, "possibilitando a transmissão de conhecimento via pesquisas, trabalho de conclusão de curso e outras atividades".

Apesar das dificuldades iniciais ao chegar em um *campus* diferente, Matheus considera o saldo positivo. "Foi desafiador ter que me mudar de *campus* assim, pois não é como se eu tivesse começando um curso do zero, onde recebo instruções e tenho contato com outras pessoas que estão começando também. Tive que me virar bem rápido para me matricular e fazer as matérias". Para o aluno, a experiência permitiu que ele tivesse contato com novos conhecimentos e expandisse sua visão da Engenharia de Computação. "Em Belo Horizonte, tive oportunidade de fazer matérias de outros cursos e até mesmo uma do mestrado, Visão Computacional",

relembra. "Essa foi uma das melhores partes do Programa, pois me fez sentir um gosto de como seria o mestrado".

Segundo Natália, o Programa de Mobilidade é melhor aproveitado quando a experiência de um novo *campus* ou nova instituição é aliada a um objetivo profissional. "O que acrescentou para mim em realizar a mobilidade acadêmica foi a possibilidade de não interromper os estudos durante o estágio", afirma. "Então, aconselho sempre quem for realizar a mobilidade, que concilie com objetivos futuros e alie com algo que vai acrescentar para seu crescimento pessoal e, principalmente, profissional". Para Alef, seu tempo no CEFET-MG o ajudou a ver o curso com outros olhos, pensando mais no mercado de trabalho. "A visão de mercado que só fui ter no CEFET me despertou ainda mais a vontade de atuar de forma mais prática na minha profissão", conta.

Os editais de mobilidade contemplam todos os *campi* do CEFET-MG e, no caso do programa da Andifes, permite o intercâmbio entre 67 instituições federais de ensino superior de todo o país. Os processos de seleção acontecem semestralmente.



A linguagem como refúgio

Curso gratuito de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) ajudou mais de 800 pessoas de outros países a sonhar com condições de vida dignas no Brasil

• Flávia Dias e Gilberto Todescato Telini •

Imagine-se fugindo do seu país por situações de conflito, violência, perseguição, fome... Para trás, ficam familiares, amigos e laços com sua cultura e com seu povo. O destino que o espera é incerto, você não consegue se expressar e as novas pessoas à sua volta não entendem quem você é e quais seus sonhos naquele novo pedaço de chão.

Neste momento, enquanto você imagina, há 89,3 milhões de pessoas passando por situações como essas; seres humanos que abandonaram, por diversas razões, suas raízes. Muitos deles não conseguem, sequer, condições mínimas de sobrevivência: educação, saúde e emprego. Um componente, em especial, que pode dificultar ainda mais esse processo de adaptação é a linguagem.

O CEFET-MG já auxiliou 822 dessas pessoas que decidiram viver no Brasil, por meio do Programa Português como Língua Estrangeira (PLE). O PLE foi formalizado em 2020 e é resultado de uma ação conjunta realizada entre o Departamento de Linguagem e Tecnologia (Deltec), a Secretaria de Relações Internacionais (SRI) e a Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário (DEDC) do CEFET-MG. As atividades de ensino do Português foram iniciadas em 1997 e culminaram no Programa PLE que oferece aulas de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) como uma de suas atividades.

Ele é direcionado a apátridas (pessoas a quem foi negada a nacionalidade), portadores de visto humanitário e refugiados que desejam aprimorar a fluência na Língua Portuguesa. Atualmente, ele é coordenado pelas professoras Maria Cristina Ramos (SRI) e Luciana Azeredo (Deltec).

Inicialmente, as aulas eram ofertadas presencialmente, mas, devido à pandemia do novo coronavírus (covid-19) e para atender a um maior número de pessoas, o curso foi adaptado para o modelo remoto e, atualmente, acontece de forma síncrona aos sábados, das 14h às 16h, e assíncrona. Nos encontros, há aulas de gramática, interpretação de texto e cultura brasileira, oferecendo conhecimentos básicos sobre a formação

da sociedade brasileira e preparando esse público para a comunicação no mundo do trabalho.

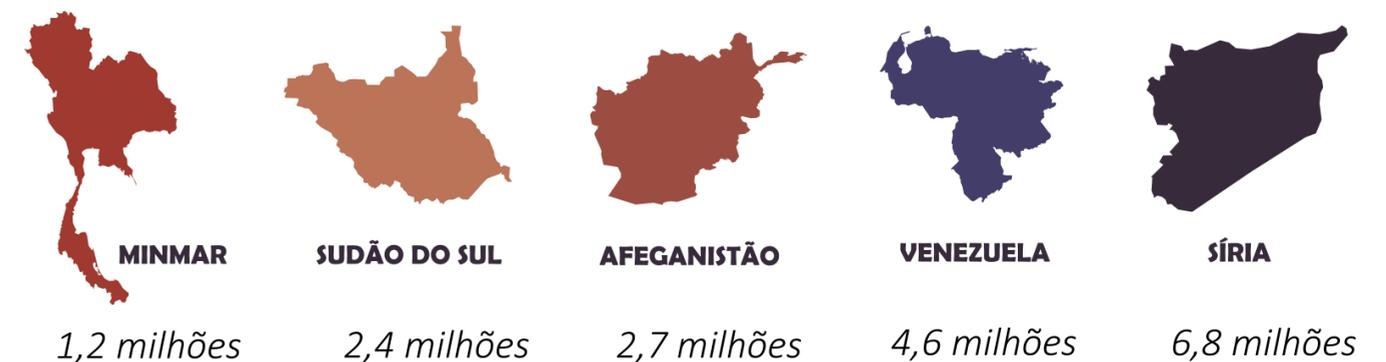
Eles interagem com o público mostrando um pouco da cultura dos seus países de origem, como apresentação de danças típicas, ensinam palavras em seus idiomas, promovem degustação de comidas típicas, exposição e venda de artesanatos, feira de livros e bate-papos.

Ao final do semestre, os estudantes recebem um certificado, caso tenham cumprido 75% da carga horária do curso, que totaliza 70 horas. Até o momento, 42 turmas foram concluídas e a 43ª já está garantida. As aulas do novo grupo estão previstas entre 13 de agosto e 17 de dezembro. Pessoas interessadas devem acompanhar a divulgação de novas turmas no site sri.cefetmg.br. Geralmente, o formulário fica disponível para inscrição durante duas semanas.

Segundo a Coordenadora de Fomento à Internacionalização da SRI, Marlúcia Lopes, o curso ajuda a suprir demandas de cunho social vindas da comunidade externa e tem um caráter humanístico, sendo muito importante para a socialização e inserção desses estrangeiros na sociedade brasileira.

De acordo com a secretária de Relações Internacionais, Maria Cristina Ramos, parte dos alunos é constituída por uma parcela que se encontra em situação de vulnerabilidade social e que busca o aprendizado do português por diversos motivos, como deslocamento diário em meios de transportes urbanos, utilização dos serviços de saúde e educação, compras diversas em comércios locais, inserção no mercado de trabalho, preenchimentos de formulários e documentações, acompanhamento dos filhos nas atividades escolares, legalização e naturalização na Polícia Federal. "Dessa maneira, o CEFET-MG cumpre uma de suas funções sociais, por meio da oferta do curso PLAc, e, assim, possibilita uma integração do ensino, da pesquisa, da extensão e da internacionalização", destaca.

Principais países de origem de refugiados no mundo



Em solo brasileiro

O venezuelano José Gabriel Rodriguez mora há um ano em Belo Horizonte com a esposa e a filha com o cartão de residência temporária; eles vieram em busca de melhor qualidade de vida. José Gabriel fez o PLAc, e viu sua evolução. "Gostei muito do curso, precisava dele para melhorar minha fala e escrita, além disso há temas diversos para a gente aprender e bate-papo. Graças ao curso, consegui falar um pouco mais e tenho uma conversação mais fluente em meu dia a dia. Ajudou em minha rotina em todos os sentidos. Minha intenção é conseguir ser fluente na Língua Portuguesa para ter um desempenho melhor no mercado de trabalho", destaca José Gabriel.

Motivos semelhantes trouxeram ao Brasil o haitiano Chrisberon Bonbon, que há cinco meses vive no país e possui o visto humanitário. "Eu escolhi morar no Brasil pela qualidade de vida e pelo clima agradável durante o ano todo, uma cultura quente para fazer meus estudos". Segundo ele, sua participação no curso foi proveitosa. "Eu sempre fazia minhas atividades, fazia perguntas para meus professores sobre a cultura do país. O curso tem uma grande importância para mim, especialmente para a minha integração na faculdade e sobre as leis do Brasil. Fiquei bem feliz em conhecer outros estudantes estrangeiros para o compartilhamento de culturas", completa.

A também haitiana Wideline Morisset já está há um tempo maior no Brasil e tem o visto por tempo indeterminado. Há sete anos, ela escolheu o país para sua morada. "Eu gosto de morar aqui porque é um país tranquilo, que dá valor para os estrangeiros. Para mim, foi importante o curso de Português, porque eu aprendi bastante, foi muito legal conhecer alunos de outros países. O curso representa muito para mim, estou feliz porque eu consigo fazer frases", conta.

A colombiana Lídia Salazar é migrante, ficou pouco tempo no Brasil e fez poucas aulas no curso, mas, segundo ela, foi um aprendizado importante. "Gostei muito dos ensinamentos, aprendi demais e espero poder praticar todo o aprendizado", conclui.

Há um ano, Jania Laguerre resolveu sair do Haiti para estudar no Brasil. Estudante de mestrado, precisou do curso de Português para melhorar a leitura na língua. "O curso me ajudou a ter uma boa pronúncia para comunicar com outras pessoas e para compreender os outros também. A minha rotina, que é estudar todos os dias, vai me ajudar a falar fluente. Para mim, o curso é um presente, é um privilégio aprender gratuitamente. Não tenho palavras para exprimir minha gratidão", finaliza.



Chrisberon Bonbon



Wideline Morisset



Lídia Salazar



Jania Laguerre

Trajatória do Português como Língua de Acolhimento



2016

16 alunos
15 haitianos
e 1 sírio

2017/1

47 alunos
predominante-
mente haitianos
(25) e sírios (6),
16 nacionalidades
diferentes.
Ex.: Colômbia
e Líbia

2017/2

57 alunos
predominante-
mente haitianos
(16) e sírios (5),
21 nacionalidades
diferentes.
Ex.: Nigéria
e República
Dominicana

2018/1

23 alunos
predominante-
mente venezuela-
nos (7) e colom-
bianos (4), 10
nacionalidades
diferentes.
Ex.: México
e Espanha

2018/2

46 alunos
predominante-
mente venezuela-
nos (8), haitianos
(7) e colombianos
(7), 5 nacionalida-
des diferentes.
Ex.: Alemanha
e Nicarágua

2019/1

108 alunos
predominante-
mente haitianos
(31) e venezue-
lanos (21), 28
nacionalidades
diferentes.
Ex.: Iraã
e Senegal

Português como Língua Estrangeira (PLE)

O Programa PLE dá continuidade às ações relacionadas ao ensino, pesquisa, extensão e internacionalização no âmbito do ensino de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira, promovendo grande impacto social e reconhecimento no Brasil e no exterior.

Várias iniciativas e objetivos compõem a ação:

- capacitar docentes para atuar com o ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE);
- ofertar curso de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) e cultura brasileira para migrantes, refugiados, apátridas e portadores de visto humanitário;
- garantir a aplicação regular do exame que confere o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras);
- preparar estudantes estrangeiros candidatos ao PEC-G para prestar o exame Celpe-Bras (Pré-PC-G);
- ofertar cursos de PLE para discentes e docentes em mobilidade na Instituição;
- oferecer cursos intensivos de férias para público internacional;
- promover eventos que permitam a integração das culturas brasileira e estrangeiras;
- promover e participar de eventos técnico-científicos de internacionalização com foco em PLE;
- promover encontros semanais de conversação em língua através da plataforma *Google Meet*, tendo como público-alvo alunos do CEFET-MG dos cursos de PLAc, do Pré-PEC-G;
- gerar conhecimento para a produção de artigos científicos de relevância nacional e internacional.

2019/2

134 alunos
predominante-
mente haitianos
(53) e venezuela-
nos (25), 24
nacionalidades
diferentes.
Ex.: Afeganistão
e China

2020/1

140 alunos
predominante-
mente haitianos
(83) e venezuela-
nos (30), 10
nacionalidades
diferentes. Ex.:
Marrocos
e Colômbia

2020/2

26 alunos
predominante-
mente haitianos
(18), Apenas 3
nacionalidades
diferentes: haitia-
nos, sírios e
venezuelanos

2021/1

56 alunos
predominante-
mente haitianos
(41) e venezuela-
nos (7), 5 nacio-
nalidades diferen-
tes. Ex.: Síria
e Bolívia

2021/2

88 alunos
predominante-
mente haitianos
(54) e venezuela-
nos (12), 9
nacionalidades
diferentes.
Ex.: El Salvador
e Cuba

2022/1

81 alunos
predominante-
mente haitianos e
venezuelanos,
13 nacionalidades
diferentes.
Ex.: Gana
e Congo

* Foi interrompido devido à pandemia, tendo duração de apenas dois meses.

* Foi interrompido devido à pandemia, tendo duração de apenas dois meses.



Pós-Graduação adota política de reparação social

Cursos de mestrado e doutorado vão ofertar, no mínimo, 30% de vagas para negros, indígenas e pessoas com deficiência

• Nívia Rodrigues •

A conta não fecha: embora a população negra no Brasil seja maior que a branca, as vagas nos programas de pós-graduação são ocupadas por um negro a cada quatro brancos. Em áreas como medicina, a proporção cai para um a cada 10, segundo dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em 2020, publicados pela *Folha de S.Paulo*. Para reduzir essa disparidade, o CEFET-MG passa a adotar o Programa de Ações Afirmativas para a Pós-Graduação *stricto sensu* em 2023, que busca a inclusão de negros (pretos e pardos), indígenas e de pessoas com deficiência nos cursos de mestrado e doutorado.

O regulamento do programa, já aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), visa promover a equidade no acesso e na permanência reservando, no mínimo, 30% das vagas para esses candidatos. A mestra em Educação Tecnológica pelo CEFET-MG e engenheira civil Regiane Cristina da Silva conheceu bem essa realidade. Sua pesquisa de mestrado, cujo tema foi o percurso educacional de engenheiros negros formados em 2017, foi inspirada na experiência

da própria pesquisadora, que é negra, nos ambientes acadêmicos em que frequentava. “Eu achava curioso: por onde passava o público das engenharias, seja ele das universidades públicas ou privadas, não tinha pessoas no meu tom de pele. Não via muitos ‘marrons’, como minha sobrinha fala. De fato, a grande maioria das pessoas era racialmente brancas”.

O “embranquecimento” na pós-graduação é mais uma realidade herdada da história do Brasil, em que a escravização de pessoas negras do continente africano gerou preconceito e discriminação em todas as áreas. É o que aponta a coordenadora da Coordenadoria de Gênero, Relações Étnico-Raciais, Inclusão e Diversidades (Cgrai) professora Silvani Valentim. “As desigualdades sociais e as inequidades educacionais começam na educação básica e refletem na ausência de políticas educacionais e na continuidade dos estudos por parte dos estudantes da pós-graduação”.



Oportunidades

A resolução prevê que deve ser instituída a Câmara Permanente de Assessoramento para Implementação de Políticas Afirmativas para a Pós-Graduação que, entre outras atribuições, deverá propor a inclusão de outros grupos discriminados como quilombolas, LGBTQIA+ e mulheres, além de um acompanhamento de egressos usuários desse sistema. “Este item entrou na política por entendermos que as ações afirmativas vão além da questão das cotas e que existem grupos que podem ter sua inclusão impulsionada a partir da pós-graduação”, conta o diretor de Pesquisa e Pós-Graduação do CEFET-MG, professor Conrado Rodrigues.

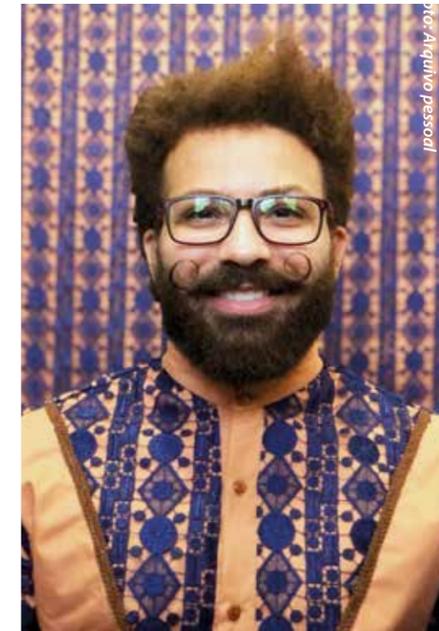
Para a professora Silvani, a política de cotas parte do princípio de que é urgente criar as condições para que a justiça curricular, a permanência, o sucesso acadêmico e a realização educacional do público-alvo se façam valer. “Acrescenta-se, ainda, o incentivo à vocação científica com formação para a cidadania e protagonismo político e social com pesquisadoras(es) negras(os)”, afirma.

Atravessamentos

O mestre em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, professor, estilista e cineasta Vitor Bedeti trouxe como tema da sua dissertação o encontro da poesia com a realidade. Porém, durante o percurso acadêmico, a leveza da arte não apareceu. “Meu mestrado foi muito atravessado por questões raciais, tanto do ponto de vista do corpo docente, porque eu não me sentia representado, como das turmas em que, muitas vezes, eu era o único negro. Essa configuração já está posta e, para mim, apresentou-se como mais uma violência. Vinha uma voz na minha cabeça que dizia: será que eu posso estar aqui? Foi um caminho bem desafiador”. Além da dedicação ao trabalho de pesquisa, Vitor relata que tinha que renovar

as energias para lidar com essa imagem que o confrontava o tempo inteiro: de um ambiente em que não era possível ver, ouvir ou estudar sobre e com pessoas como ele.

O pesquisador, que é quilombola, pretende fazer o doutorado e acredita que, com a consolidação do programa, seria possível encontrar outros corpos negros desde a seleção na pós-graduação até a sala de aula. “Várias situações de violência racial que eu passei, eu fui entender depois que concluí o curso. A implantação do programa de ações afirmativas é para ontem, pois temos uma desigualdade enorme na pós-graduação e o programa vai proteger e fortalecer os corpos negros que estão ali”, vislumbra.



Para o pesquisador Vitor Bedeti, as ações afirmativas também demonstram uma disposição ao diálogo ao trazer à academia discursos e saberes de grupos minorizados

Como vai funcionar o processo seletivo?

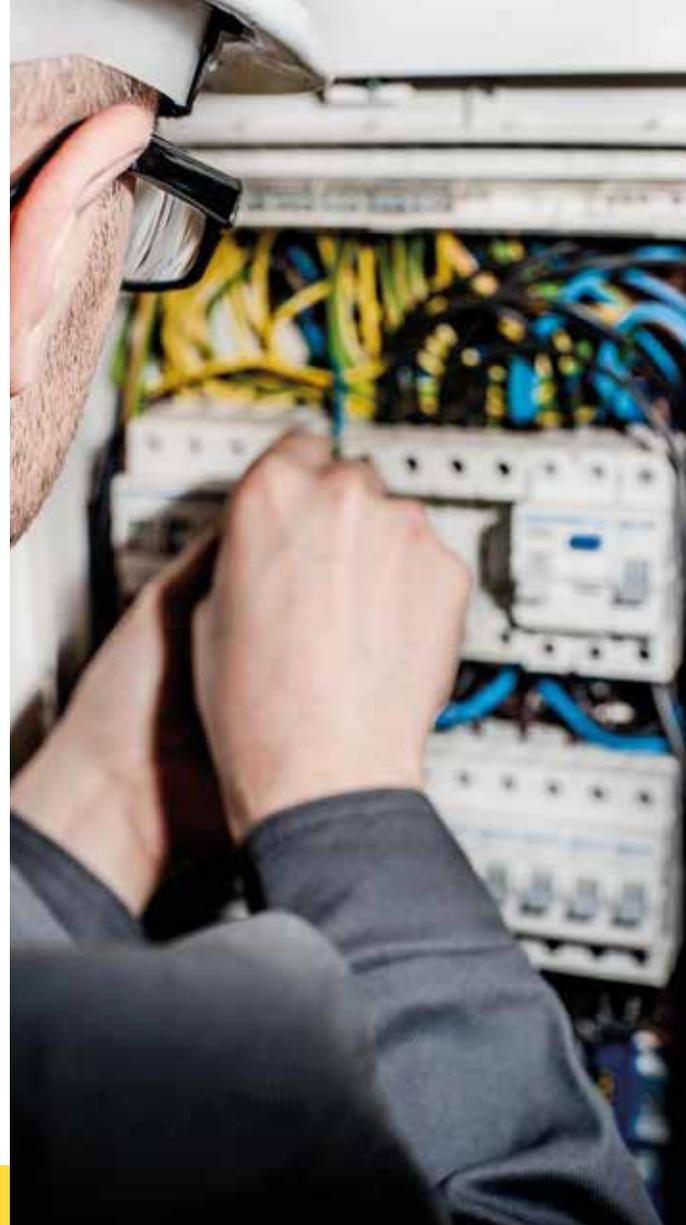
- Os candidatos do programa concorrem, concomitantemente, às vagas reservadas e às destinadas à ampla concorrência. Os classificados dentro do número de vagas na ampla concorrência não são computados para preenchimento das vagas reservadas.

- Candidatos negros e com deficiência devem se autodeclarar, e os indígenas, submeter cópia do Registro de Nascimento Indígena e/ou recomendação de liderança, ancião ou personalidade indígena ou órgão indigenista;

- Bancas de heteroidentificação fazem a confirmação das autodeclarações e podem examinar a documentação dos indígenas. Avaliações de candidatos com deficiência, quando necessárias, são realizadas por equipe interdisciplinar.

Teoria para eletricitistas; prática para alunos

Curso de extensão em instalações elétricas ensina a trabalhadores da construção civil e aos estudantes do CEFET-MG



• André Luiz Silva •

Extensão. Na eletricidade, pode ser um cabo que permite conectar vários aparelhos numa mesma tomada. Na academia, tem a ver com levar o conhecimento produzido dentro da instituição para a sociedade. No CEFET-MG, uma atividade de extensão juntou tudo isto, eletricidade, academia, conhecimento e sociedade: “Introdução e aperfeiçoamento em instalações elétricas prediais”, ou IEP.

Oferecido gratuitamente a trabalhadores da construção civil, de preferência sem formação na área, o IEP oferece conhecimentos teóricos para pessoas com baixa instrução em instalações elétricas. Eletricidade básica, segurança em instalações elétricas, projetos de instalações elétricas, estão entre as disciplinas do curso.

Em 2021, por conta do novo coronavírus (covid-19), o IEP ocorreu de maneira remota. Isso possibilitou a participação de pessoas de outras cidades, como Tiago Antônio, que é morador de Varginha. “Por ser a distância, achei que não iria aprender muito coisa, mas superou minhas expectativas. Aprendi vários cálculos; nem sabia que tinha tanta coisa na parte elétrica”, conta.

Eletricista por experiência, Tiago diz que se interessou porque nunca tinha estudado para exercício da profissão. “Com toda certeza me ajudou a evoluir muito. Hoje sim, me considero um eletricitista qualificado. Graças a ele, fui contratado por uma empresa. Se pudesse, faria o curso de novo”, brinca.

Aprendizado de lá e de cá

O IEP é benéfico ainda para os alunos dos cursos técnicos e da graduação do CEFET-MG. Isso porque eles são os “professores” da atividade de extensão, responsáveis por compartilhar o que estão aprendendo em sala. É o caso de Lucas Lima, do 5º período de Engenharia Elétrica. “Faço a parte organizacional e de gestão dos alunos que ingressarão no curso, realizando divulgação, processo seletivo e acompanhamento dos alunos. Há reuniões semanais com os professores coordenadores do projeto. Temos a função de dar suporte aos estudantes que ministrarão as disciplinas”, explica.

Para Lucas, participar é uma oportunidade de fazer um bem para sociedade e poder aprender ensinando. Isso porque muitos dos alunos que ingressarão no curso têm experiência prática, havendo troca de saberes entre os alunos do técnico e graduação, mais familiarizados com a teoria, e os alunos do IEP, mais próximos da prática. “Acredito que o curso é, sim, uma maneira de proporcionar ganhos a essas pessoas, pois conhecimento é algo que nós levamos para nossas vidas”, afirma.